Recebido em: **13/2/2010** Emitido parece em: **5/3/2010** **Artigo original**

DIVERSAS IGUALDADES NA ESCALADA

Dimitri Wuo Pereira[1, 2], Vilma Leni Nista-Piccolo[1], Cleia Pina Araujo Oliveira[2]

RESUMO

Esse estudo trata da questão da diversidade humana, mostrando que as diferenças apresentam igualdades, pelo menos quando se trata da escalada. A pesquisa centrou-se na investigação de um portador da Síndrome de Down que pratica escalada, uma atividade de risco praticada como lazer, esporte ou educação em que o movimento é o elemento central, e que acreditamos trazer muitos benefícios aos praticantes. Como objetivo pretendeu-se verificar a influência da escalada para uma criança com Down. A estruturação da metodologia baseada na Epistemologia Qualitativa, um tipo descritivo qualitativo, possibilitou acessarmos informações e construirmos alguns entendimentos a cerca do problema. O sujeito participante desse estudo de caso praticou escalada em sua escola, em um evento e em rocha e demonstrou diversos aspectos de desenvolvimento interessantes como: autonomia na uso de técnicas e equipamentos de escalada; bom ganho de força, tendo revertido uma característica comum que é a hipotonia muscular; escalou em nível de dificuldade elevado se compararmos com qualquer criança de sua idade; estabeleceu metas pessoais; respondeu questões complexas e resolveu problemas a partir de suas estratégias e programas neuromotores; venceu seu medo de altura e mostrou que a escalada pode ser praticada como forma de mostrar sua felicidade, prazer e capacidade de viver em sociedade.

Palavras-chave: Sindrome de Down, escalada, diversidade.

DIVERSE EQUALITIES IN CLIMBING

ABSTRACT

This study addresses the question of human diversity, showing that the differences have equality, at least when we talk about to climbing. The research focused on investigation for a holder of Down syndrome practicing climbing, a risky activity practiced as recreation, sports or education in which the movement is the central element, and we believe that many benefits to practitioners can appear. Aimed to find out if the influence of climbing for a child with Down. The structuring of the methodology based on Qualitative Epistemology, a descriptive qualitative can provide access information and build some understandings about the problem. The subject participant of this case study practiced climbing in his school, at an event and rock climbing, he demonstrated several interesting aspects of development such as autonomy in the use of techniques and equipment for climbing, good strength gain, and reversed a common feature that is muscular hypotonia; he climbed level of difficulty is high compared to any child of his age, set personal goals, answered questions and solved complex problems based on their strategies and neuromotor programs, won his fear of heights and showed that the rise may be practiced as a way to show his happiness, pleasure and ability to live in society.

Keywords: Down syndrome, climbing, diversity.

INTRODUÇÃO

A realidade de grande parte dos portadores de necessidades especiais no Brasil e no Mundo revela poucas oportunidades para engajamento em atividades esportivas. Durante os anos da escolarização, o entendimento que o PCN proporciona quanto a Educação Física Escolar está na possibilidade de todos os indivíduos poderem desenvolver suas potencialidades seja no âmbito esportivo ou no recreativo, sem evidenciar o comportamento exclusivamente estratégico, mas tendo como característica o novo, o risco, o desafio, a aventura etc. (GREZZANA, 2000).

O ato de escalar é uma habilidade tão antiga quanto o próprio ser humano, faz parte de suas ações desde que vivia em árvores e cavernas, como forma de sobrevivência e proteção. A sistematização da escalada como esporte, por sua vez, ocorreu na contemporaneidade, como todas as atividades humanas relacionadas ao movimento.

Nas três últimas décadas essa prática se expandiu e se difundiu, inclusive em locais onde não há grandes elevações geográficas. A tecnologia foi uma das responsáveis por esse avanço, pois permitiu a criação de equipamentos sofisticados e de muros artificiais construídos em diversos locais, imitando a natureza e permitindo um acesso mais facilitado a todo tipo de pessoa (PEREIRA, 2007)

A escalada por ser uma atividade de risco praticada como lazer, esporte ou educação em que o movimento é o elemento central, pode trazer muitos benefícios aos praticantes. Acreditamos, portanto que pessoas portadoras da Síndrome de Down possam adquirir competências, desenvolver seus potenciais, criar estratégias e programas neuromotores e principalmente participar ativamente dos ambientes sociais a que não tinha acesso anteriormente.

A Síndrome de Down, ou trissomia do cromossomo 21, que foi descrita pela primeira vez por Longdon Down em 1866, é sem dúvida o distúrbio cromossômico mais comum, melhor conhecido e a causa genética mais encontrada de retardamento mental moderado. Ela é a mais frequente das síndromes de defeitos congênitos múltiplos associados ao retardo mental e sua incidência é de 01 afetado a cada 600 a 700 nascimentos (PUESCHEL, 2002).

De acordo com Pueschel (2002) e Winnich (2004), as características físicas mais comuns são: baixa estatura, boca pequena, lábios finos, cabeça pequena (rosto e parte posterior da cabeça achatada), orelhas pequenas, cabelo esparso e fino, dificuldades de percepção, dobras palmares transversas, falta de equilíbrio, hipermobilidade das articulações, hipotonia, língua protusa e fissurada, manchas brancas na íris dos olhos, mãos e pés largos, com dedos curtos e grossos, nariz pequeno e com ponta achatada, obesidade (leve a moderada), olhos inclinados para cima e para fora, com dobras cutâneas exageradas, pernas e braços curtos em relação ao tronco, aumento da distância entre o primeiro e o segundo artelho, pescoço curto e orelhas com implantação baixa, sistemas respiratório e cardiovascular subdesenvolvidos e, por fim, visão e audição limitadas. Mas é bom ressaltar que o grau de comprometimento de cada pessoa é variável e há possibilidade de desenvolvimento para todos os portadores.

O objetivo desse trabalho, portanto será verificar as possibilidades de desenvolvimento de uma criança com Síndrome de Down na escalada e saber como isso pode auxiliar em seu processo de socialização.

Este tipo de pesquisa possibilita a identificação de soluções, sugestões e aspectos ainda não estudados sobre a Síndrome de Down e pode oferecer também, subsídios para a compreensão e interpretação do trabalho do profissional de Educação Física que lida com populações com necessidades especiais (ALVARENGA e ROSA, 2001).

Esse estudo contribuirá também para que possamos fazer com que a sociedade reveja seus conceitos auxiliando a uma visão menos preconceituosa sobre as pessoas com tal síndrome, possibilitando uma melhor inclusão da mesma na sociedade.

DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

Essa pesquisa do tipo descritiva, com abordagem qualitativa, baseada na Epistemologia Qualitativa de González Rey (2005) foi a forma escolhida para acessarmos a informação contida na prática da escalada com esse praticante.

Nesse método, a pesquisa é vista na dimensão da construção do conhecimento, na qual o pesquisador e o sujeito pesquisado interpretam as situações vividas e a partir da orientação e reflexão com o pesquisador produz-se um sentido subjetivo para o conhecimento que se pretende alcançar. Segundo González Rey (2005) esse tipo de pesquisa tem um caráter construtivo interpretativo, pois a partir da confrontação do momento empírico com a produção teórica desenvolvemos modelos de inteligibilidade flexíveis, dinâmicos e complexos.

A particularidade do estudo de caso, na qual trabalhamos, com um único sujeito ocorreu pela novidade de se pesquisar a escalada com um praticante com Síndrome de Down, o que é algo raro de se encontrar.

AMOSTRA

A amostra foi constituída por um aluno portador de Síndrome de Down, estudante de uma escola particular da região de São Paulo, chamado, para efeito deste trabalho, de Pedro. O pai de Pedro participou da pesquisa em um dos momentos, auxiliando com informações sobre seu comportamento fora da escola, ele é médico e sempre acompanhou e estimulou o desenvolvimento do filho. Essa escolha intencional faz parte da pesquisa registrada no COEP-USJT-2009 sob número de protocolo 019/2009. Sendo aprovada a participação do sujeito mediante assinatura por parte dos pais ,no TCLE.

PROTOCOLO

Definimos instrumentos que são sugeridos por González Rey (2005), sabendo da possibilidade de alterá-los no decorrer da pesquisa, são eles: o Diário de Campo (DC), os Sistemas Conversacionais (SC), o Completamento de Frases (CF) e o Questionário (Q). Foi incluída a análise da Filmagem (F) da prática da escalada por esse participante como forma de acessar zonas de sentido que podem ser alcançadas na linguagem corporal do indivíduo.

Os locais em que foram realizados os instrumentos foram a escola na qual ele pratica a escalada, um ginásio de escalada no qual nos encontramos em um evento específico e uma rocha em que escaladores costumam se encontrar para desfrutar desse esporte.

O Cenário de Pesquisa que é proposto por González Rey (2005) como o espaço e os sujeitos que participam da pesquisa, se constituiu de um conjunto de aulas de escalada numa instituição de ensino privado da região oeste de São Paulo, de um evento de escalada em um ginásio próprio para esse esporte e por uma aula na natureza, que se realizou na Pedra da Represa, um maciço considerado como ideal para a aprendizagem da escalada, no município de Salesópolis.

RESULTADOS

Pedro tem treze anos e escala há cinco anos. Ele apresenta um nível leve de Down e cursa a 7ª série do ensino fundamental. A Síndrome tem algumas características importantes na questão da saúde diretamente relacionadas com a atividade física adequada caso a caso, são elas: Cardiopatias congênitas. Problemas respiratórios. Instabilidade atlanto axial (coluna cervical). Tireóide. Mas ele não apresenta nenhum problema que o impeça de praticar a escalada ou qualquer outro exercício.

Vale ressaltar que Pedro é autônomo com relação às técnicas de segurança em escalada, fazendo a proteção de outros amigos e manuseando os equipamentos no rapel (técnica de descida pela corda), top rope (técnica de segurar um companheiro preso a corda), ancoragens (montagem de ponto fixo na parede), tirolesa (descida por cordas na horizontal) entre outras. O professor de escalada da escola acompanha e supervisiona sua pratica orientando-o sobre as questões de segurança, mas ele tem condições plenas de realizar as diferentes técnicas (F).

Pedro afirma que o fato de ter Down não aumenta sua dificuldade de escalar. Ele também diz que gosta de participar de competições (SC).

O pai de Pedro sobre seu filho diz que: “É uma criança como outra qualquer, brinca quando tem que brincar e bagunça também. O Pedro é muito carinhoso e dedicado. Para o Pedro a atividade física é muito importe. Pedro começou com natação e boxe, já fez futebol também, mas ele não gosta muito” (SC).

Sobre a escalada ele diz: “Acho muito bom, ajuda ele bastante. O Pedro já fez outros tipos de esporte, mas o que mais ajudou ele foi a escalada, ele melhorou bastante a sua força em membros superiores (SC)”. Pedro reverteu um quadro de hipotonia muscular, fazendo 15 flexões na barra e tendo o corpo definido em sua musculatura do tronco (F).

No evento em que participou Pedro colocou seus equipamentos de segurança com a ajuda de seu pai e começou a escalar uma parede 4 A (dificuldade inicial na escalada) Ele conseguiu chegar até o grau de escalada 5 B (dificuldade intermediária) nesse dia, sendo que isso já é difícil para qualquer criança (DC).

Para o Pedro escalada é mais que uma brincadeira é um desafio, cada parede que ele subia dava para ver a felicidade em seu rosto (DC). O pai dele relatou que no iniciou ele ficou com medo de escalar, mas aos poucos foi perdendo o medo (SC).

No ultimo dia 7 de Novembro de 2009, Pedro participou de evento feito pela federação paulista, junto com outras crianças não portadoras de deficiência. Nesse evento ele foi campeão, mostrando a todos que ele não tem diferença das outras crianças na hora de praticar a escalada (DC).

Expressando seus pensamentos de forma escrita ele demonstrou autonomia. Por exemplo, quando completou: Às 14 horas – "escalada". Ele afirma que nesse horário sabe que poderá fazer uma das coisas que mais lhe dá prazer (CF).

Meu objetivo é: "escalar para ficar forte" (CF). Podemos dizer que Pedro consegue realizar metas pessoais, pois como foi dito ele realmente é forte fisicamente.

Pedro entende de forma complexa o que significa cuidar da natureza. Ele respondeu no Questionário sobre a relação da escalada com a preservação ambiental que: "Você precisa cuidar a natureza e dos animais principalmente alguns que mordam" (Q). Cuidar da natureza para ele se caracteriza como não destruir tanto quanto não ser destruído por ela. Esse é um pensamento do tipo circular e recursivo, pois percebe que o mesmo que dá a vida, pode tirar. Esse tipo de resposta ocorre apesar de sua inexperiência na rocha, pois são raros acidentes com animais nesse ambiente, apesar de existirem cobras, aranhas, vespas e abelhas que podem matar um escalador quando está em ação. Pedro faz essa relação mental entre encontrar animais na rocha e escalar, mesmo sem ter escalado na rocha até o momento em que respondeu o questionário.

Ler a via na escalada é uma tentativa de prever uma situação que ocorrerá. Quando o escalador se depara com uma via, isto é, um caminho de acesso novo, ele cria um programa mental para antever como chegará ao final. Esse procedimento demanda programas motores que atendam ao requisito daquela situação específica, isto é, uma pessoa que nunca escalou não terá um programa motor para fazer determinada via, pois lhe falta vivência.

Mas percebo que a experiência pode gerar esse tipo de habilidade. Pedro resolveu um problema dessa forma na escola: Em uma situação Pedro tem uma agarra com um orifício no qual cabem apenas dois dedos. Ele usa o indicador e o dedo médio, mas de repente ele muda para médio e anular e daí prossegue (F). Para uma pessoa que não escala isso parece irrelevante, mas os escaladores adquirem mais força nos dedos anular e médio do que no indicador e médio, portanto Pedro já tendo experiência suficiente criou um programa motor que acredita ser mais eficiente e decidiu por utilizá-lo na situação destacada.

No esporte em geral, a técnica costuma ser uma forma mais eficiente de realizar um determinado movimento para atingir objetivos com menor gasto energético. Mas os exemplos da escalada que observam-se nas filmagens trazem essa técnica como uma possibilidade de movimento que deve fazer parte da história de cada pessoa.

Pedro apresenta boa flexibilidade no quadril e escala sempre de frente para a parede. Ele não faz movimentos de drop knee, isto é, um movimento específico da escalada na qual o corpo fica lateralmente à superfície escalada, a pessoa vira os dois calcanhares para o mesmo lado e abaixa um dos joelhos, abaixando o quadril e melhorando a estabilidade. Em seu caso, ele em geral mantém o corpo de frente para a parede, seu tronco está sempre de frente, mas a grande flexibilidade no quadril, com as pernas em abdução, proporciona bom posicionamento nessa situação e ele se movimenta com facilidade lateralmente, mesmo não usando a técnica considerada mais eficiente (F).

Nesse caso, percebemos que não há apenas a resposta técnica para um mesmo problema e que a resposta está ligada diretamente ao sujeito que responde. Pedro por ter Síndrome de Down tem maior flexibilidade articular do que a média populacional, portanto o movimento de frente para a parede não lhe é desconfortável.

Ele também se imagina escalando em rocha quando completa a frase: Subindo – "pedra gigante" (CF). O gigante é como ele vê a montanha que pode ser vencida com a emoção e o pensamento que lhe ocorre sobre como será escalar em rocha.

No dia em que escalou em rocha, e foi sua primeira vez, Pedro tenta a via Santa Ignorância que tem dificuldade de 4 A, mas com altura de 27 metros, diferente dos 7 metros da parede de escalada a que está acostumado. Eu falo para ele: "Estende a perna". Pedro está parado e procura agarras para as

mãos. Seu corpo permanece estável. Está na parte mais inclinada, quase 90 graus. Sobe o pé esquerdo em uma boa agarra, sobe o corpo para direita, apóia a mão direita e o pé direito procura apoio, quando acha movimenta-se para a direita e depois para a esquerda. Faz uma sequência de quatro movimentos sem parar. Está há cerca de 20 metros. Seu corpo dessa vez não está tão deitado na pedra quanto antes. Ele coloca o pé onde estava a mão e sobe o corpo. Seus movimentos seguem mais coordenados e soltos. Normalmente inclina seu tronco à frente, mais quando vai se movimentar afasta o quadril para movimentar as pernas. Ele avança mais um lance e diz: "Ah droga", pois se sente sem agarras boas para as mãos. Seu equilíbrio está nas pernas. Dessa vez ele faz movimentos de extensão de joelho e quadril e vai subindo lentamente. No final da via, ele está apoiado apenas na ponta dos pés, com as mãos tateando a rocha. Ele diz quase no final: "Ai, aqui dá medo". Mais um incentivo e ele está no topo (F).

A situação vivida ocorreu depois de Pedro não ter conseguido chegar ao topo da primeira via que havia tentado. Ele estava decepcionado e teve de ser incentivado a tentar novamente uma escalada. Ele sentiu duas grandes dificuldades: uma foi o medo de altura, pois nunca havia escalado nada com mais de 10 metros; outra foi a inclinação positiva da parede que exigia mais apoio nos pés do que nas mãos. Como Pedro aprendeu a escalar na escola em uma parede com boas agarras e inclinação negativa não usava bem a ponta dos pés.

Quando partiu para a via Santa Ignorância utilizou mais a ponta dos pés, do que faz usualmente, melhorando seu equilíbrio e assim pôde enfrentar seu medo de altura, pois começou a acreditar na possibilidade de chegar ao topo pela qualidade desenvolvida no momento. Para Morin (2005) isso significa que ele desenvolveu emergências, ou seja, propriedades novas a partir de algo conhecido, que se manifesta frente à novos desafios e a incerteza. Pedro religou seu próprio corpo na escalada: mãos, tronco, pernas e pés trabalharam de forma conjunta para estabelecer um resultado esperado o que normalmente não ocorre na parede da escola, pois ele inibe o uso dos pés pela grande força que tem nos braços e mãos. (F).

Após essa experiência ele responde ao meu questionamento: "O que você mais gosta de escalar?" Pedro: "Boulder". Falo que ele queria subir uma montanha e que agora já subiu. Ele responde: "Agora acho que sou melhor que antes". Não há dúvida para mim que ele é melhor do que antes, pelo menos no sentido de ter vivido uma experiência marcante, um momento de sua vida que fica para sempre e que refletirá de alguma forma no significado que dá para a vida.

Suas ações apaixonadas na escalada e sua grande coerência nos discursos nos permitem rever conceitos sobre a própria forma como encaramos a Síndrome de Down. Quando perguntado sobre se se imagina escalando no futuro, quando adulto ele diz: "Eu sou adolescente, eu estou quase adulto" (Q). Esse nível de maturidade e consciência do que é ser adulto, uma fase de vida, para ele é compreendida de forma temporal e natural. Ele pode assim fazer planos de adulto: trabalhar, fazer faculdade, casar, ter filhos, ter uma casa etc, o que muitas pessoas acreditam não ser possível para uma pessoa com Down.

CONCLUSÃO

A criança portadora de necessidades especiais tem direito a educação que necessita.

Oferecer-lhe menos do que ela precisa é colocar em risco seu direito a felicidade, pois dificilmente poderá ter um bom autoconceito dentro de situações nas quais suas dificuldades ficarão mais evidentes.

Espera-se que no futuro, o reconhecimento da pessoa portadora de Síndrome de Down, não seja só da boca pra fora, mas que lhe seja oferecida uma posição na qual se respeite seus direitos e privilégios como cidadão de uma sociedade democrática, na qual preserve verdadeiramente sua dignidade humana. A sociedade deve se dar conta de que os indivíduos com Síndrome de Down são pessoas dignas, assim sendo, tem necessidades, desejos e esperanças que merecem ser reconhecidas.

Aprende-se que os portadores dessa síndrome podem desenvolver situações orientadas de vida e uma tendência atual que abrange uma amplitude de capacidade, onde a escalada pode ser ferramenta de ensino usada para ele ter uma melhora na sua qualidade de vida.

Pedro pela forma como se comporta e se expressa na escalada, mostra que é possível uma pessoa com Síndrome de Down praticar esse tipo de esporte radical.

A participação no evento, a colocação no campeonato paulista, a influência dos pais, a experiência na rocha nos mostra a importância da prática da atividade para ele.

Apesar de ter feito natação e boxe, a atividade que ele está há mais tempo é a escalada. Concluímos que a escalada dá mais prazer para ele, faz com que ele tenha desafio fazendo com que cada vez mais ele possa superar seus limites. Trabalhando assim sua parte motora, cognitiva, afetiva e social de forma integrada e fornecendo-lhe momentos de felicidade e diversão como qualquer outra criança.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, M. A; ROSA, M. V. **Apontamentos de Metodologia para ciências e Técnicas de Redação Científica**. 2. Ed. Porto Alegre, 2001.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thomson, 2005.

GREZZANA, F. Educação, meio ambiente e esporte de aventura na natureza. Coletânea – 12º ENAREL Encontro Nacional De Recreação e Lazer. In: **Anais...** Balneário Camboriú, Santa Catarina: Roca, 2000.

PEREIRA, D. W. **Escalada.** FERRAZ, O. L.; KNINIJK, J. D. (org.) São Paulo: Odysseus, 2007. Coleção Agôn, o espírito do esporte.

PUESCHEL, S. Panorama Histórico. In: PUESCHEL, S. (org.) **Síndrome de Down:** guia para pais e educadores. 8 ed. Campinas: Papirus, 2003. p. 45 – 51.

MORIN, E. **O Método 1.** A natureza da natureza. Tradução: HEINEBERG, Ilana. Porto Alegre: Sulina, 2ª ed. 2005.

WINNICH, J. P. **Educação Física e Esportes Adaptados**. 3 ed. Barueri: Manole, 2004.

[1] Universidade São Judas Tadeu
[2] Universidade Nove de Julho

Rua Frederico Ozanan 9700, casa 232
Jd Shangai
Jundiaí/SP